

DIÁLOGOS ENTRE A MUSICOTERAPIA E A TRANSDISCIPLINARIDADE

Mariana Puchivailo¹

Paula Meliante²

Sheila Volpi³

Colaboradora: Cintia Albuquerque⁴

RESUMO

Este artigo é um estudo teórico que analisa qualitativamente artigos e dissertações que trazem alguma referência à Transdisciplinaridade e à Musicoterapia. Diálogos da Musicoterapia com a Transdisciplinaridade são cada vez mais frequentes em produções científicas, em eventos e na própria prática da Musicoterapia. Por isso, vimos a necessidade de um olhar mais aprofundado sobre qual seria o conceito de transdisciplinaridade utilizado pelos autores que estão produzindo nesses campos. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica com material encontrado na WEB, em CDS-ROM, em anais impressos, em periódicos e em revistas científicas. O resultado nos aponta para uma diversidade na utilização da palavra transdisciplinaridade, bem como nos traz algumas reflexões a respeito dos diálogos realizados entre esses dois campos do conhecimento.

Palavras-chave: Musicoterapia, Transdisciplinaridade

DIALOGUES BETWEEN MUSIC THERAPY AND THE TRANSDISCIPLINARITY

ABSTRACT

This article is a theoretical study that analyzes articles and essays that bring some reference to Transdisciplinarity and Music Therapy. Dialogues in Music Therapy with Transdisciplinarity are increasing in scientific productions, in scientific events and in the practice of Music Therapy. Therefore, we understand the need for a closer look at the concepts of transdisciplinarity that are being used by the authors of these fields. The methodology used was the bibliography research of materials found on the WEB, at CDS-ROM, in scientific annals, periodicals and scientific journals. The results point to a diversity in the use of the word transdisciplinarity and bring us some reflections about the dialogues between this two fields of knowledge.

Keywords: Music Therapy; Transdisciplinarity

¹ Graduada em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná 2009. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (término 2011). Pós-graduada em Psicologia Analítica 2010. Especialização em Abordagem Plurimodal. Atuação na área de Saúde Mental. marianapuchivailo@yahoo.com.br

² Graduada em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná 2009. Especialização em Abordagem Plurimodal. Docente do curso de Musicoterapia no Cediap (Uruguay). Atuação na área da Saúde Mental, Transtorno autístico e Educação. pmeliante@gmail.com

³ Graduada em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná em 1988. Mestre em Educação pela PUCPR. Formação em Psicodrama Pedagógico. Formação em Música e Imagem. Docente do curso de Musicoterapia da FAP. Atuação na área de Saúde Mental. sheilavolpi@gmail.com

⁴ Graduada em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná em 2010. Atuação nas áreas de Dependência Química e Transtorno Autístico. ci.avila@hotmail.com

Introdução

O uso do termo transdisciplinaridade tornou-se cada vez mais frequente nos últimos anos. Ao se buscar materiais bibliográficos, percebe-se um amplo uso da palavra, uma diversidade na compreensão do termo, ou ainda, um não esclarecimento sobre o sentido do mesmo. Para Rodrigues (2000), o sentido polissêmico da palavra transdisciplinaridade induz, desde movimentos atraentemente reflexivos, até reações de desconfiança e de forte resistência. Nesse mesmo sentido, Santos (2006) afirma que o conceito de Transdisciplinaridade parece ainda não ter um significado suficientemente consensual.

Alguns musicoterapeutas afirmam que, por ser fruto de uma junção de vários campos de conhecimento, a Musicoterapia é transdisciplinar. Bruscia (2000) afirma que:

O primeiro grande desafio para a definição de musicoterapia é que ela é transdisciplinar por natureza. Isto é, a musicoterapia não é uma disciplina isolada e singular claramente definida e com fronteiras imutáveis. Ao contrário, ela é uma combinação dinâmica de muitas disciplinas em torno de duas áreas: música e terapia (p.7-8).

Como musicoterapeutas que estudam a transdisciplinaridade, consideramos importante aprofundar o entendimento sobre como os musicoterapeutas e autores que escrevem sobre a Musicoterapia compreendem a transdisciplinaridade. Num primeiro momento, selecionamos materiais de Musicoterapia produzidos no Brasil, em que se utilizavam o conceito de Transdisciplinaridade. Tentamos categorizá-los. Criamos três categorias e dezesseis subcategorias. Essa categorização limitou nosso olhar diante da diversidade e da complexidade do material, pois foi uma tentativa de enquadrar o material encontrado. Percebemos que essa opção não nos permitia explorar a riqueza do material e mostrou-se insuficiente e insatisfatória. Essa análise era reducionista e destoava da própria proposta transdisciplinar.

A partir do abandono dessa opção metodológica e considerando o que afirma Morin (*apud* SILVA, 2009, p.12): “a inquietude não deve ser negada, mas remetida para novos horizontes e se tornar nosso próprio horizonte”, voltamos a reler o material encontrado e discutimos o nosso objetivo. Esse movimento

culminou em um novo olhar, não mais em categorização, mas sim em reflexão sobre cada um deles. Concordamos, portanto, com os autores Rocha Filho, Basso, Borges (2009, p. 11) quando afirmam: “o que é incomunicável e não pode ser dito ou escrito muitas vezes é o conteúdo mais importante, que somente pode ser apreendido por intuição”. Segundo a Carta da Transdisciplinaridade (1994), existem três características fundamentais na atitude e visão transdisciplinar: o rigor, a abertura e a tolerância. O rigor refere-se aos argumentos, à consideração de todos os dados existentes. A abertura e a tolerância implicam o reconhecimento do desconhecido, do inesperado e imprevisível, assim como o reconhecimento de ideias e verdades que se opõem.

Com um espírito aberto a ligações e ao desconhecido, a nossa estratégia foi a de conjugar diversos tipos de conhecimento – disciplinários e extradisciplinários – articulando os diversos autores para a produção de um novo conhecimento. E, partindo dessa pluralidade, alcançar uma maior compreensão das diferentes perspectivas que existem nos trabalhos da Musicoterapia sobre o que é a transdisciplinaridade.

Essa nova opção nos exigiu muito mais, uma vez que havia a necessidade de transitar na cientificidade sem perder a riqueza e a diversidade material; em caminhar no discurso científico, sem nos deixarmos engessar por ele; em caminhar entre a razão e a sensibilidade; em lidar com o separar, o categorizar e o religar. Entendemos que o conhecimento se constrói nos laços e interações, assim buscamos a abertura e o diálogo mais próximo de nossos colegas, autores dos materiais encontrados.

Mas afinal o que é transdisciplinaridade?

Historicamente, primeiro estivemos sujeitos aos domínios da Igreja e, posteriormente, aos da Ciência Moderna. Durante séculos de predominância do cientificismo, que perdura até hoje, a realidade era e continua sendo vista com a lente da razão. O verdadeiro conhecimento era aquele que seguia os postulados da Ciência Moderna.

Esse período proporcionou um grande salto para a civilização, com as diversas invenções e descobertas trazidas pela ciência, oferecendo conforto,

ampliação da comunicação, rapidez na transmissão de conhecimento, avanço nas descobertas e tratamento de doenças. Porém, como coloca Crema (2002) nesta compensação iluminista, de resgate da razão crítica, fomos para o outro extremo “onde o império da razão, com o cientificismo, subjuguou os demais códigos de apreensão do real, reprimindo os valores da subjetividade, reduzindo o sujeito a objeto e exorcizando a dimensão da essência” (CREMA, 2002, p.10).

Em busca de conhecer a realidade e na esperança de um mundo melhor, a ciência separou o indivíduo conhecedor de sua Realidade, criou leis universais e as comprovou através de experiências controladas e que poderiam ser reproduzidas (NICOLESCU, 1999). Mas por essa ideologia cientificista, pagamos um preço: dessacralizamos o universo e sua transcendência ao homem, que se dizia capaz de decifrar, explicar e controlar tudo. O ser humano torna-se também objeto de si mesmo, “o homem-Deus é um homem objeto cuja única saída é se auto-destruir” (NICOLESCU, 1999, p.23).

O mito do leito de Procusto⁵ nos alerta sobre o perigo da busca do homem em encaixar o mundo ao seu redor a um só molde. O homem moderno – com seu cientificismo – buscou compreender a realidade e os sujeitos sob um único olhar o que acabou por “amputá-lo”, assim como todos aqueles que se deitavam na cama de Procusto eram forçados a se encaixar nesta por meio de amputações e estiramentos.

Através da razão, a ciência se propôs a responder os mistérios da vida; porém disso ela não deu conta. E essa esperança acabou se transformando em decepção e desgostosa incerteza, culminando em uma exaustão e descrença nas promessas da modernidade (DUARTE JR, 1997). Frente à insatisfação no próprio meio científico, com relação à ciência clássica, surgem tentativas de compreender a realidade de outras formas.

A física quântica é um exemplo disso. Ela se tornou amplamente disseminada após a Segunda Guerra Mundial. Através dela, colocam-se em questão alguns dos

⁵ O mito grego de Procusto conta que ele era um bandoleiro que ficava na estrada que ligava Mégara a Atenas e julgava quem poderia fazer a travessia. Para que tal julgamento pudesse ser realizado, dispunha de dois leitos de ferro, um grande e um pequeno. Ele fazia os viajantes se deitarem, os pequenos no leito grande e os altos no leito menor. E para que chegassem a servir no leito, cortava os pés dos que ultrapassavam a cama pequena ou alongava violentamente as pernas dos que não atingissem o comprimento do leito maior (CAIXETA, 2007).

pressupostos da física clássica que, durante os últimos quatro séculos, existiram como pilares desta então proclamada “rainha das ciências” (SÓCRATES *apud* SOMMERMAN, 2003). Conceitos como continuidade, não-separabilidade, causalidade local e determinismo não mais descreviam a realidade observada no universo das partículas quânticas.

As transformações geradas pela física quântica e sua nova maneira de descrever a realidade, as partículas, os espaços vazios, o aleatório e tantos outros temas, levaram o homem a repensar os conhecimentos antigos e a vida individual (SOMMERMAN, 2003). Como afirma Nicolescu (1999, p. 29): “a vida, a nossa vida é algo mais que um objeto delimitado no espaço e no tempo”.

É como se a física quântica trouxesse uma esperança para a humanidade, uma oportunidade para resgatar os sujeitos, sua carga de subjetividade, seu religar-se com a Natureza, e seu modo de estar no mundo (NICOLESCU, 1999). A física quântica demonstra que o observador faz parte da realidade observada, do relacionamento entre as partes na forma de um processo em contínua transformação (TÔRRES, 2005).

Assim, essas descobertas abriram o caminho para uma nova visão complexa do mundo. Segundo Munné (1995, *apud* TÔRRES, 2005), a Teoria da Complexidade mostra que a realidade é não linear, é caótica e não deve ser considerada de forma quantitativa somente, mas também e, principalmente, de forma qualitativa. Dessa forma, entendemos a realidade como inacabada, num contínuo fluir de devires que implicam o reconhecimento da incompletude e incerteza da mesma, assim como as múltiplas conexões que a compõem. Portanto, analisar isoladamente cada componente (reducionismo) não faz sentido, tampouco olhar a realidade de forma global sem dar atenção às partes e suas relações (TÔRRES, 2005).

Desenvolver outras formas de ver e compreender o mundo se tornou imprescindível. O isolamento das disciplinas não é mais tolerável. Historicamente surge primeiro a pluridisciplinaridade e a interdisciplinaridade, aproximadamente na metade do século XX, devido à necessidade de estabelecer pontes entre as diferentes disciplinas. A pluridisciplinaridade se ocupa do estudo de um mesmo objeto por várias disciplinas ao mesmo tempo. Já a interdisciplinaridade se utiliza da transferência de métodos de uma disciplina para outra. Nicolescu (1999) distingue

três graus de interdisciplinaridade: grau de aplicação (por exemplo, métodos da física nuclear transferidos para a medicina que auxiliaram em tratamentos contra o câncer); grau epistemológico (por exemplo, métodos da lógica formal transferidos para o campo do direito); grau de geração de novas disciplinas (por exemplo, métodos da matemática transferidos para o campo da física gerou a física matemática).

Posteriormente surgirá a transdisciplinaridade ampliando o olhar sobre o mundo, recompondo os diferentes fragmentos de conhecimento e reconciliando o ser interior e exterior do humano, bebendo dos conceitos aportados pelo progresso da física quântica (NICOLESCU, 1999).

A transdisciplinaridade é uma nova atitude, é a assimilação de uma cultura, é uma arte, no sentido da capacidade de articular a multirreferencialidade e a multidimensionalidade do ser humano e do mundo. Ela implica uma postura sensível e intelectual e transcendental perante si mesmo e perante o mundo. Implica, também, aprendermos a decodificar as informações provenientes dos diferentes níveis que compõem o ser humano e como eles repercutem uns nos outros (MELLO, BARROS, SOMMERMAN, 2002, p. 9).

A transdisciplinaridade pode ser definida como uma forma de se posicionar frente ao saber, que implica uma maneira de entender e de se relacionar com os processos de conhecimento em que a visão de mundo se vê ampliada. Portanto, a forma de ser se modifica, uma vez que se aproxima da experiência transdisciplinar (SANTOS *et al*, 2008).

Etimologicamente, a palavra transdisciplinaridade está composta pelo prefixo *trans* que significa: ao mesmo tempo *entre, através e além*; e a palavra completa pode ser interpretada como: através das disciplinas. O pensamento transdisciplinar engloba e transcende todas as disciplinas, colocando-as numa posição de igual importância, sendo ao mesmo tempo todas elas necessárias e possuindo o mesmo peso na formação de conhecimento. Isso realmente exige uma mudança, uma ruptura com o pensamento tradicional em que a separação de saberes é regra e existe uma hierarquia das disciplinas para cada situação analisada.

O indivíduo, com o pensar transdisciplinar, admite que diferentes olhares possam coexistir com a mesma importância (NICOLESCU, 1999). Partindo desse princípio, torna-se fundamental o conhecimento e a aceitação de si mesmo e do outro, criando assim um novo olhar sobre o mundo e uma nova atitude no

relacionamento com seus pares (SANTOS *et al.*, 2008). Paul (2000) alerta para a impropriedade de considerar a transdisciplinaridade como uma verdade, algo que tem respostas para todas as situações. Ela deve sim ser vista como uma possibilidade de construção de um novo modo de representação.

A transdisciplinaridade pode ser considerada uma transgressão à especificidade, opondo-se à dualidade, reconhecendo e reivindicando a diversidade no pensar. Não possui um objeto definido, sendo considerada como uma atitude, uma forma de ser.

Com a visão transdisciplinar, o diálogo torna-se fundamental e a diversidade é desejável para que as diferentes disciplinas coexistam e cooperem sendo articuladas para conseguir a construção, produção e prática do conhecimento. Assim, é através do diálogo que buscaremos investigar algumas diferentes compreensões do conceito de transdisciplinaridade que vêm sendo utilizadas nos trabalhos da Musicoterapia.

Metodologia

Para a investigação proposta nesse artigo, utilizou-se exclusivamente a pesquisa bibliográfica. O levantamento de dados foi realizado a partir da busca de artigos e dissertações na web, em CDS-ROM, em anais impressos e eletrônicos, eventos científicos da área da Musicoterapia, em periódicos e em revistas científicas de Musicoterapia em língua portuguesa. A seleção dos trabalhos obedeceu a critérios específicos, considerando os termos transdisciplinaridade e musicoterapia e transdisciplinar e musicoterapia, encontrados no título, no resumo e/ou nas palavras chaves. Ao todo, foram encontrados trinta e um trabalhos publicados no período de 2004 a 2010. O período de coleta foi o mês de junho de 2010.

Os materiais encontrados foram consultados e treze selecionados para análise. O critério aplicado para descartar os materiais foi a menção da palavra transdisciplinaridade/transdisciplinar sem que esta fosse desenvolvida.

Conforme apontado na introdução, houve uma mudança na forma de analisar os materiais encontrados. Em vez de utilizar o enquadramento do conteúdo nas limitadas categorias, optou-se por trabalhar com o discurso de cada autor.

Extraíram-se as reflexões apontadas pelos autores sobre transdisciplinaridade como impulso para pensar sobre as diversas proposições a esse respeito e articulá-las com autores da transdisciplinaridade.

O método de análise utilizado foi a análise textual e a análise de conteúdo por considerarmos a mais adequada para o objetivo proposto nesse trabalho. Isso se justifica porque a “análise do conteúdo é uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada (BAUER, *apud* BAUER, GASKELL, 2002, p.191). Da mesma forma, a “análise de conteúdo nos permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades” (BAUER, *apud* BAUER, GASKELL, 2002, p.192).

Resultados, Diálogos e Reflexões

Após a leitura dos materiais selecionados, destacamos alguns pontos para discussão e reflexão. Iniciamos com um questionamento: como a transdisciplinaridade é apresentada pelos autores nos materiais encontrados?⁶

Detectamos que muitos autores trazem a origem etimológica da palavra transdisciplinaridade para defini-la. Santos (2006), por exemplo, cita Nicolescu que afirma: “a transdisciplinaridade diz respeito ao que está, ao mesmo tempo, entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de todas as disciplinas. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, e um dos imperativos para isso é a unidade do conhecimento” (idem p.1). Alferi Neto e Prodossimo (2008) colocam que: “A transdisciplinaridade não busca o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e ultrapassa.” (ALFERI NETO; PRODOSSIMO, 2008, p.2).

Alguns autores aprofundam essa questão etimológica e tratam das possibilidades que advêm dessa ruptura de limites entre as disciplinas. Piazzetta (2006, s/p) coloca a transdisciplinaridade como uma forma de conceber as relações entre disciplinas a partir da “abolição de fronteiras entre as disciplinas, sem que, com isso, cada área de conhecimento perca sua identidade”. Meliante e Volpi (2008)

⁶ Os autores dos materiais encontrados aparecerão sempre em negrito.

compartilham a mesma opinião e apontam que as disciplinas possuem igual importância, todas elas são necessárias e possuem o mesmo peso na formação de conhecimento. “Isto realmente exige uma mudança, uma ruptura com o pensamento tradicional em que a separação de saberes é regra e existe uma hierarquia das disciplinas para cada situação analisada” (idem, p.1).

Mas o que é pensar ‘além’, o que é pensar ‘trans’? Random (2006) afirma que:

[...] o prefixo ‘trans’, como em ‘transvisão’, exprime a idéia de ir, ‘ir além’ e ‘através’ da visão, de conjugar verticalidade e horizontalidade. Dá-se o mesmo em ‘transgredir’: ir além das proibições para ‘transformar’ o real, para acrescentar a essência à forma, para conceber uma ‘transpolítica’ ou uma ‘transcultural’. ‘Trans’ exprime a abertura, a ultrapassagem. Um mundo ‘trans’ aparece – como a Mao, o espírito e o coração que se abrem para o visível e o invisível – na forma e na vibração da forma, na essência e na substância. O conhecimento surge, deixa a esfera asséptica do saber, da objetividade glacial e desumana (RANDOM, 2000, p.26).

Chagas (2004, s/p) baseado em D’Amaral (2001) afirma que “a transdisciplinaridade reveste-se de características temporais e pessoais. É a consciência do limite do conhecimento, a formulação de novas perguntas, a angústia do não saber que motivam a busca de outros parceiros com o mesmo desejo” (p.28).

Ampliando ainda mais a abrangência da postura transdisciplinar Random (2000) diz que:

[...] o pensamento transdisciplinar é precisamente uma primeira abertura, uma ação concreta sobre a nossa realidade, para nela inserir a visão de um real global e não mais causal, revelado pela nova física quântica, um real ‘holístico’ no qual todos os aspectos da realidade podem ser considerados e respeitados, sejam eles científicos, materiais afetivos ou espirituais (RANDOM, 2000, p.19).

Outros autores como Menim e Volpi (2008) afirmam que possuir uma visão transdisciplinar é uma aventura do espírito com uma nova atitude e reforçam a ideia da sensibilidade implícita nesse posicionamento frente ao conhecimento e à vida.

Baseado nessas ideias, o conceito de homem se transforma, cresce. Petrelli (2006) afirma que:

A compreensão do ser humano só é possível em uma epistemologia transdisciplinar. A pessoa humana nos seus próprios gêneros, homem-mulher, a sua experiência interior, o seu comportamento, apresenta-se em fatos e eventos cuja natureza não é apenas complexa, mas misteriosa, absolutamente não reduzível a uma dimensão, e sim, às múltiplas dimensões (PETRELLI, 2006, s/p).

Nesse sentido, Nicolescu (2001) afirma que ter um olhar multidimensional sobre o sujeito e objeto é fundamental para chegar a diferentes níveis de percepção do sujeito e realidade do objeto.

Frente à ideia de transgressão das disciplinas, das bases da física quântica que mudaram nosso olhar da realidade e do conceito de homem expandido, Mauri (2006, s/p) levanta o seguinte questionamento: “O que tem a ver transdisciplinaridade com a viabilidade de um novo pensar e de um novo fazer?” E ele mesmo responde dizendo da “necessidade da criatividade para se aventurar a criar, inovar, ousar, inventar projetos novos sem restrições”. Passos e Benevides (2000) apontam que a noção de transdisciplinaridade não implica o abandono criador de cada disciplina, mas sim de interferir gerando movimentos, agenciamentos que criem realidades, em vez de repetir ou imitar. E para isso, como coloca Mauri (2006), é necessário criatividade e ousadia para a inovação necessária.

Silva (2007), ao definir transdisciplinaridade, aponta para outra característica importante para transitar por entre as disciplinas. Através de Passos e Barros ela aponta:

Podemos chamar esta atitude crítica de transdisciplinaridade, já que os limites entre as disciplinas é perturbado quando se coloca em questão as identidades do sujeito que conhece e do objeto conhecido. A noção de transdisciplinaridade subverte o eixo de sustentação dos campos epistemológicos, graças ao efeito de desestabilização tanto da dicotomia sujeito/objeto quanto da unidade das disciplinas e dos especialismos (PASSOS; BARROS, *apud* SILVA, 2007, p.100-101).

Aspectos relacionados ao campo da prática na transdisciplinaridade, tanto em relação a trabalhos em equipes transdisciplinares, quanto a associações entre conceitos da transdisciplinaridade e a prática da musicoterapia, também foram enfatizados nos trabalhos encontrados.

Musicoterapia e Transdisciplinaridade: entre a prática e a teoria

Uma importante questão referente ao uso do conceito de transdisciplinaridade nos trabalhos científicos da Musicoterapia é o estabelecimento dessa relação no campo teórico e no campo prático. Para Passos e Benevides (2000) é necessário articular os conceitos, criá-los:

Se o objeto da ciência é criar funções, o da arte criar agregados sensíveis e o da filosofia criar conceitos, Deleuze (1990/1992) pergunta: como é possível que um conceito, um agregado sensível e uma função se encontrem? Os exemplos de que lança mão nos indicam que filosofia, arte e ciência entram em relação de ressonância, de troca mútua (PASSOS; BENEVIDES, 2000, p.77).

Segundo esses autores, a clínica transdisciplinar estaria formada como um sistema aberto, no qual o analista provocaria desestabilizações, tanto criando situações que produzam esse efeito, como funcionando ele mesmo como uma ferramenta para tal fim. Passos e Benevides (2000) acrescentam que:

[...] produzindo agenciamentos, misturando vozes, as enunciações, agora sem sujeito, nasceriam da polifonia dos regimes de signos que se atravessam. Por exemplo, uma sensação, um som, um cheiro experimentado como ato no território que define o nível de intervenção, produz interferências, ressonâncias, amplificações, mantendo o sistema em aberto para o tempo (PASSOS; BENEVIDES, 2000, p 78).

A exemplificação dos conceitos da transdisciplinaridade aplicados na prática musicoterápica aparece nos textos de Piazzetta (2008), nos quais ela aporta às reflexões de vários autores. A autora introduz a proposta de Brandalise do “triângulo de Carpentier & Brandalise” em que descreve a relação triádica: música, musicoterapeuta e paciente e música: “a relação entre a música do terapeuta e a música do paciente faz emergir outra peça musical” (Brandalise, 2003, p. 20 *apud* PIAZZETTA, 2008).

Para Piazzetta e Craveiro de Sá (2006), o terceiro olhar admite que as incertezas estão presentes nos fenômenos das experiências musicais na Musicoterapia e que a essência e a unidade musicoterápica se mantêm mesmo com elas. O fato de permitir essas incertezas amplia as relações (triádicas) para além da

linearidade deixando aparecer a existência de um terceiro elemento, o terceiro incluído, caracterizando a essência transdisciplinar da Musicoterapia. Na mesma análise, elas aportam os conceitos de outros autores como Coelho (2002 *apud* PIAZZETTA; CRAVEIRO DE SÁ, 2006) que, nos seus estudos sobre a escuta musicoterápica, considera o caráter híbrido da mesma por ser ao mesmo tempo 'musical e clínica'. As autoras opinam que da união da escuta musical de características flutuante e da escuta clínica, surge uma terceira escuta, a escuta musicoterápica (PIAZZETTA; CRAVEIRO DE SÁ, 2008).

Piazzetta (2008) também articula com o pensamento de Elliot (2005 *apud* PIAZZETTA, 2008) que apresenta o conceito de *musicizing*, através desse conceito desenvolve-se a ideia de uma energia transformacional. Dessa forma, aplica-se à experiência musical compartilhada, os conceitos de diferentes Níveis de Realidade, entendendo que assim emerge na experiência o campo dos sentidos e significados. Piazzetta (2008) entende que a musicalidade está associada ao modo de ser de cada pessoa e que isso somente pode ser compreendido se entendemos que a obra musical existe ao mesmo tempo dentro e fora do indivíduo e que para ser apreciada é necessário dialogar com conceitos aparentemente antagônicos: a música como substantivo e como verbo.

Para Silva (2006), a clínica transdisciplinar rompe com os especialismos e recupera a dimensão do cuidar, permitindo o inesperado. Considera que a prática nos reporta a territórios que nem sempre estão bem demarcados. Ela nos incita a percorrer os limites e além deles, caminhando nas fronteiras do nosso não saber. Devemos ter uma postura aberta, aceitando as fissuras da nossa formação teórica. Através desses poros poderão passar os saberes que vão permitir potencializar a capacidade de diferir, de criar, de não aceitar os velhos modelos sem questionamentos e assim re-criar novas formas e visões.

A clínica transdisciplinar possui, portanto, características marcadas, nas quais se pode distinguir uma diferença na visão dos acontecimentos e na forma de entendimento da realidade. A criação, a experimentação, a produção de outros modos de existência são algumas facetas da clínica transdisciplinar.

Musicoterapia e sua “essência transdisciplinar”

Outra questão preponderante nos trabalhos encontrados foi em relação à afirmação de que a Musicoterapia é essencialmente transdisciplinar. Dez trabalhos do total coletado (31 trabalhos) traziam a Musicoterapia como essencialmente transdisciplinar: “a própria natureza da disciplina de musicoterapia é transdisciplinar” (DE PAULA, 2006, p.14); “a musicoterapia como uma área de conhecimento transdisciplinar, onde prima pelo caráter de ser uma ciência composta e permeada pelo conhecimento de diversas outras disciplinas” (CAMARGO, 2010, p.2). Desses dez: cinco discorrem sobre o porquê desta afirmação, três continham a definição de uma Musicoterapia essencialmente transdisciplinar de Bruscia (2000), e dois traziam apenas essa afirmação inserida no contexto do trabalho.

Os cinco trabalhos que discorriam sobre essa afirmação ressaltavam a fluidez da Musicoterapia ao transitar por diversas disciplinas, apontando por vezes que ela surge da junção de diversas disciplinas e por isso é, em sua essência, transdisciplinar.

Musicoterapia é, então, ela mesma, exemplo do novo paradigma científico. A musicoterapia e nós, os musicoterapeutas, somos situações exemplares do novo paradigma. Só conseguimos existir, ter espaço no campo das investigações acadêmicas (termos feito graduação, pós-graduação e outras formações em alto nível) porque a própria Ciência, com a crise de seus paradigmas, nos inclui como possibilidade de pensar o mundo no novo paradigma da complexidade (CHAGAS, 2004, p.5).

Já os autores Piazzetta e Craveiro de Sá (2006a) afirmam que:

A Musicoterapia, apesar de haver sofrido influências da Ciência ‘clássica’, cartesiana e determinista, seu corpo teórico foi desvelado e organizado nesse ambiente da pós - modernidade (campo minado pelas contradições, diferenças, indeterminações e incertezas (PIAZZETTA; CRAVEIRO DE SÁ, 2006a, p.2).

Além desses dez trabalhos, que trazem a Musicoterapia como essencialmente Transdisciplinar, encontramos seis que discorrem sobre a possibilidade de a Musicoterapia transitar pelo campo da transdisciplinaridade, mas que trazem essa questão enquanto um potencial da Musicoterapia e não como parte de sua essência.

Que musicoterapia estamos fazendo? Às vezes nos colocamos esta pergunta quando estamos diante de práticas que não se enquadram em categorias que julgamos já conhecidas. Propomos uma problematização do que vem a ser a prática clínica em musicoterapia. Poderemos pensar numa prática da musicoterapia transdisciplinar. Contudo, precisamos problematizar a clínica musicoterápica em relação à condição híbrida da profissão. Estamos ou não abertos a novas perspectivas, novos olhares? Não se trata de cultivar o novo mas de se permitir o inesperado, deixar-se atravessar com prazer. (SILVA, 2006, p.1)

Piazzetta e Craveiro de Sá (2006a) discorrem sobre naturalidade e espontaneidade entre a Pesquisa em Musicoterapia e o paradigma da Complexidade apresentada por Edgar Morin. Elas colocam que as pesquisas realizadas por musicoterapeutas, a partir do século XXI, “desvelam a essência transdisciplinar da Musicoterapia e seu diálogo espontâneo com o novo paradigma da Ciência” (idem, p.1). Elas demonstram que diversas pesquisas em Musicoterapia têm transitado no paradigma da Complexidade, como a dissertação sobre a escuta musicoterápica (COELHO, 2002 *apud* idem), ou da própria Craveiro de Sá (2003 *apud* idem). Silva (2007) acrescenta à lista de pesquisas que trazem a questão da transdisciplinaridade para discutir a prática musicoterápica o trabalho de Chagas (2001 *apud* idem).

Tanto Chagas (2004) quanto Piazzetta e Craveiro de Sá (2006b) afirmam que a Musicoterapia transita com naturalidade, espontaneidade pelo paradigma da Complexidade, pois possui uma essência transdisciplinar. Silva (2007) traz em sua dissertação a questão do conforto que há em se trabalhar através da Musicoterapia em um campo transdisciplinar.

Apostamos em outras práticas clínicas musicoterápicas que se relacionam, de modo flexível, com os atravessamentos de outros campos de saber sem se preocupar se estão produzindo uma Musicoterapia pura. Um processo de mistura confortavelmente transdisciplinar. (SILVA, 2007, p.102)

Como mencionado no início deste artigo, observa-se uma onda de trabalhos que coloca a Musicoterapia como essencialmente transdisciplinar. Alguns materiais explicitam o porquê, outros não. Alguns trabalhos se focam no potencial transdisciplinar da musicoterapia, e suas possibilidades nesse campo. Mas o que pudemos observar é que, de modo geral, há uma “sensação” de que a

Musicoterapia possui algumas características que a possibilitam navegar com fluidez ao atravessar diversos campos do conhecimento. Talvez porque muitos musicoterapeutas têm essa sensação de “mistura confortável”, “naturalidade e espontaneidade”, ao transitarem atravessando diversos campos do conhecimento com a Musicoterapia. Assim, a afirmação de que a Musicoterapia é transdisciplinar por natureza, talvez venha com essa mesma naturalidade e espontaneidade.

Silva (2007) descreve um pouco sobre esse transitar da Musicoterapia entre diversos campos do conhecimento:

Entendemos que os campos de conhecimentos musicais, psicológicos, filosóficos não são recortados na clínica musicoterápica, eles se fundem, eles se misturam. Navegar em tantos campos remete o musicoterapeuta a posição de surfista. Ele transita num limiar, no *entre* desses conhecimentos e pode produzir uma clínica transdisciplinar. (SILVA, 2007, p.102)

Mas será que todos podemos, ou queremos, surfar neste “mar da imanência de outros conhecimentos” (SILVA, 2007 p.103). Será o musicoterapeuta um surfista nato? Será que a graduação do musicoterapeuta o prepara para ser esse surfista? Ou será que podemos ser esses surfistas, e talvez, tenhamos na Musicoterapia boas ondas, boas pranchas, boas possibilidades de sermos surfistas?

Considerações Finais - Coda...

“Amar la trama más que el desenlace...”⁷

As possibilidades de diálogo entre a Musicoterapia e a transdisciplinaridade são imensas, infindáveis. Inicialmente a Musicoterapia surge da junção, do casamento de diversas disciplinas, mas permaneceu enquadrada no modelo disciplinar, inscrita no pensamento clássico, talvez para conseguir se afirmar como ciência. Hoje já encontramos transposições desses limites e nos deparamos com diversos trabalhos que apontam para uma quebra de fronteiras: entre, através e além de disciplinas. Como pudemos observar, a partir da pesquisa inicial e dos trabalhos que foram analisados, os musicoterapeutas e demais autores têm falado

⁷ Música: “La trama y el desenlace” – Dexler.

da transdisciplinaridade, apontando diversas características que possibilitam que a Musicoterapia ande pelo campo transdisciplinar.

Após navegar na exploração desse rico material, acreditamos que algumas questões merecem ser lembradas. Nicolescu (1999), quando trata da interdisciplinaridade, distingue nela três graus, como anteriormente abordado. A partir desse referencial, entendemos que a Musicoterapia estaria inscrita no terceiro grau da interdisciplinaridade, o grau de criação de novas disciplinas. A Musicoterapia surge a partir da “transferência” de conhecimento e métodos de diferentes disciplinas como: Música, Psicologia, Filosofia, Medicina; formando a nova disciplina Musicoterapia. Nesse caso, ela dialoga com diversas disciplinas utilizando métodos destas na busca da construção de seu próprio método, contribuindo para o “big-bag disciplinar” (NICOLESCU, 1999).

Outra importante questão é trazida por Santos (2006) através de Kuezer. O autor chama a atenção para um aspecto metodológico fundamental ao afirmar que não é possível trabalhar de forma transdisciplinar, caso não haja tratamento disciplinar rigoroso, que forneça categorias de análise, referencial teórico e sistemas simbólicos que viabilizem novas sínteses (KUEZER *apud* SANTOS, 2006). Sem isso, a transdisciplinaridade não passa de uma retórica vazia. (SANTOS, 2006) Nesse sentido, Morin (2007, p.30) alerta que: "quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e idéias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo." É necessário estar preparado para o inesperado e para a diversidade de diálogos que podem ser estabelecidos.

Mauri (2006) aponta a importância da criatividade nesse processo, e, Silva (2007) relembra a essência crítica implícita no olhar transdisciplinar. Com a visão transdisciplinar, o diálogo torna-se fundamental e a diversidade é desejável para formar o novo conhecimento. Assim, esses autores nos lembram que, ao dialogar e entrelaçar campos do conhecimento, é necessário cuidado, atenção, rigor e criatividade, já que conectar e tecer redes é um ato de criação.

O paradigma Transdisciplinar aporta ricos elementos para a consolidação do campo musicoterápico na teoria e na prática. Acrescenta um olhar mais aberto e tolerante que constantemente se nutre de conhecimentos e possibilita a troca permanente de conhecimentos, experiências e pensamentos que podem ampliar as potencialidades da Musicoterapia.

Silva (2007) enfoca o potencial transdisciplinar da Musicoterapia. A clínica transdisciplinar da Musicoterapia aparece não como fato, mas como possibilidade.

Acreditamos que esta é uma potência da Musicoterapia, isto fortalece os movimentos da Musicoterapia nas práticas contemporâneas. Não buscamos generalizações ou purificações. A Musicoterapia é uma profissão híbrida e caminha num campo híbrido. Propomos uma prática transdisciplinar com estas características que, ao nosso ver, facilitam as práticas clínicas, se forem vistas como potência. (SILVA, 2007, p.104)

Neste trabalho pudemos explorar algumas definições de Transdisciplinaridade que são utilizadas por musicoterapeutas e autores que abordam a Musicoterapia atualmente. Relembramos neste processo diversos aspectos importantes para a prática transdisciplinar, para o diálogo e para a pesquisa transdisciplinar. E os aplicamos na prática, buscando aprender o máximo com cada trabalho lido e analisado. Como colocado por Nicolescu, o objetivo da transdisciplinaridade é “a compreensão do mundo presente, para a qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento” (NICOLESCU, 1999, p. 53). Um dos objetivos iniciais que impulsionaram este artigo era justamente reunir trabalhos que tratavam da transdisciplinaridade em uma unidade, em um só lugar. Estamos todos juntos, em uma grande Babel, de diversas línguas, cheios de diversidade, buscando aprender uns com os outros.

Ter uma compreensão transdisciplinar é adentrar a dimensão de vãos sobre áreas de conhecimentos utilizando e aprendendo conceitos de maneiras diversificadas. Para isso não é necessária uma apropriação de conceitos, mas um conhecimento aprofundado dos mesmos e aplicação em contextos diferenciados dos usuais. Com isso, novas possibilidades se abrem. Temos também, nesses momentos de novas possibilidades, muitas incertezas. (PIAZZETTA, 2006, s/p)

É só nos deixarmos seduzir e surpreender para vermos beleza e magnitude e, sobretudo, amar o que fazemos. Como nos diz Djavan em sua canção Seduzir “Amar é perder o tom nas somas da ilusão/ Revelar todo sentido. Vou andar, vou voar pra ver o mundo. Nem que eu bebesse o mar encheria o que eu tenho de fundo. Vou andar, vou voar pra ver o mundo. Nem que eu bebesse o mar encheria o que eu tenho de fundo”.

MATERIAIS ANALISADOS

ALFIERI NETO, A; PRODOSSIMO, C. C. *Despertando o corpo e as emoções: Um trabalho transdisciplinar*. In: Encontro Paranaense, Congresso Brasileiro, Convenção Brasil/Latino-América, XIII, VIII, II, 2008. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Acesso em: 15 jun 2010. Disponível em: <<http://www.centroreichiano.com.br>>.

CAMARGO, A. *Transdisciplinaridade dos conhecimentos da Musicoterapia nas relações de ajuda*. In: Anais do XII Fórum Paranaense de Musicoterapia. Música: Intermezzo da relação Musicoterapêutica. Organização AMT-PR. Curitiba, 2010.

CHAGAS, M. *Musicoterapia: paradigmas, campos de conhecimento e concepções teóricas*. 2004. Acesso em: 27 jun 2010.
Disponível em: <<http://www.fw2.com.br/clientes/artesdecura/revista/musicoterapia>>.

DE PAULA, M. P. *Os Sons e sua Importância para o Equilíbrio dos Hemisférios Cerebrais*. Apresentação Oral no XVII Encontro Mineiro de Musicoterapia, Universidade Estácio de Sá, Belo Horizonte, 2006.

MAURI, I. *Musicoterapia a caminho da transdisciplinaridade*. Mesa Redonda. In: Anais eletrônicos do XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia/ VI Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia/ II Encontro Nacional de Docência em Musicoterapia. Organização AGMT. Goiânia, 2006. Acesso em 17 jun 2010.
Disponível em: <<http://www.sgmt.com.br/anais/p09palestras>>.

MELIANTE, P; VOLPI, S. *Educação e sociedade: uma visão transdisciplinar na musicoterapia*. Anais do III Congresso Internacional Transdisciplinaridade, Complexidade e Eco-Formação. Brasília, 2008.

MENIM, M; VOLPI, S. *Compondo e afinando o tornar-se musicoterapeuta*. In Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia/XI Fórum Paranaense de Musicoterapia/IX Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia. Organização AMT-PR. Curitiba: Griffin, 2009.

PETRELLI, R. *Musicoterapia e Transdisciplinaridade*. Mesa Redonda. In: Anais eletrônicos do XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia/VI Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia/ Encontro Nacional de Docência em Musicoterapia. Organização AGMT. Goiânia, 2006. Acesso em 17 jun 2010. Disponível em <<http://www.sgmt.com.br/anais/p09palestras>>.

PIAZZETTA, C. CRAVEIRO DE SÁ, L. *Contribuições da Teoria da Complexidade à construção do campo teórico da Musicoterapia*. Anais eletrônicos do XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia/VI Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia/II Encontro Nacional de Docência em Musicoterapia. Organização AGMT. Goiânia, 2006. Acesso em 17 jun 2010. Disponível em <<http://www.sgmt.com.br/anais/p09palestras>>.

_____. *Essências da Musicoterapia na Contemporaneidade*. São Paulo: APEMESP Acorde on line, 2006 b (Publicação On-line).

PIAZZETTA, C. *Música em musicoterapia na abordagem músico-centrada: uma visão cognitivista*. Anais eletrônicos do SIMCAM4: IV Simpósio de Cognição e Artes Musicais. Organização USP. São Paulo: 2008. Acesso em: 22 jun 2010. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/simcam4/downloads_anais>.

SANTOS, M. A. *A musicoterapia a caminho da transdisciplinaridade*. Mesa Redonda. In: Anais eletrônicos do XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia/VI Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia/ Encontro Nacional de Docência em Musicoterapia. Organização AGMT. Goiânia, 2006. Acesso em 17 jun. 2010. Disponível em <<http://www.sgmt.com.br/anais/p09palestras>>.

SILVA, R. S. *Cartografias de uma experimentação musical: entre a Musicoterapia e o grupo Mágicos do Som*. 2007. 127 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2007.

_____. *Musicoterapia clínica e social: diferenças ou encontros? Experiência em depósito de pessoas esquecidas*. XI Fórum Estadual de Musicoterapia. Rio de Janeiro, 2006. Acesso em: 19 jun 2010. Disponível em: <http://www.amtrj.com.br/XI_forum4.shtml>.

REFERÊNCIAS

BAUER, M.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRUSCIA, K. E. *Definindo Musicoterapia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CAIXETA, Vivian Cristina. *O Mito de Procusto e as suas implicações: como a Reforma Psiquiátrica se mostra capaz de desconstruí-lo?* IN: Cadernos IPUB, v. XIII, n. 24. Saúde Mental na Atenção Básica. Rio de Janeiro: UFRJ/IPUB, 2007.

Carta da Transdisciplinaridade. Disponível em:

<http://www.redebrasileiradetransdisciplinaridade.net/file.php/1/Documentos_da_Transdisciplinaridade/Carta_da_Transdisciplinaridade_1994_-_I_Congresso_Mundial_da_Transd.doc>. Acesso em: 20 de jul de 2010.

CREMA, R. *Antigos e Novos Terapeutas: abordagem transdisciplinar em terapia*. Petrópolis: Vozes, 2002.

DUARTE JÚNIOR, J. F. *Itinerário de uma crise: a modernidade*. Curitiba, PR: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 12. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2007.

NICOLESCU, B. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. 3ª ed. Ed. São Paulo: Triom, 1999. 165p.

PAUL, P. *Visão transdisciplinar na saúde pública*. Junho, 2000. Disponível no: http://www.redebrasileiradetransdisciplinaridade.net/file.php/1/Artigos_nacionais_e_internacionais_relevantes/Patrick_Paul_-_Visao_Transdisciplinar_na_Saude_Publica.doc
Acesso em: 08/04/2008.

PASSOS, E; BENEVIDES DE BARROS, R. *A construção do plano da clínica e o conceito de Transdisciplinaridade*. Psicologia: Teoria e Pesquisa Jan-Abr 2000, Vol. 16 n. 1, pp. 071-079.

RADOM, M. *O pensamento transdisciplinar e o real*. São Paulo: Triom, 2000.
ROCHA FILHO, J. B; BASSOB N. R; BORGES, R. M. R. *Transdisciplinaridade*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009, 2a. ed.

RODRIGUES, M. L. *Caminhos da Transdisciplinaridade – fugindo a inserções lineares*. *Revista do Serviço Social e Sociedade*, nº 64, ano XXI. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, A. C. et al. *Transdisciplinaridade na universidade*. Disponível: <http://www.ufrjrleprtrans.hpg.ig.com.br/tnu.htm>. Acesso no: 20 abril, 2008.

SILVA, C. R. A. *Acolhimento: uma construção transversal ética, estética e política na saúde*. 85 f. Dissertação de Mestrado. Rio Grande: FURG, 2009.

SOMMERMAN, A. *Formação e Transdisciplinaridade*. Uma pesquisa sobre as emergências formativas do CETRANS. Dissertação de mestrado, 2003. Disponível em: http://run.unl.pt/bitstream/10362/400/1/sommerman_2003.pdf Acesso em 10 fev 2011.

SOMMERMAN, A.; MELLO, M. F.; BARROS, V. M. (Org.) *Educação e Transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 2002. p.95-121.

TÔRRES, J. *Teoria da complexidade: uma nova visão de mundo para a estratégia*. I IBEC-PUC/PR. Curitiba, 2005. Disponível no: [http://www.facape.br/ruth/adm-filosofia/Texto_5 - Teoria da Complexidade e Estrat.pdf](http://www.facape.br/ruth/adm-filosofia/Texto_5_-_Teoria_da_Complexidade_e_Estrat.pdf). Acesso em: 23/3/2011.

Recebido: 30/04/2011

Aprovado: 15/05/2011